

Eixo temático: pensadores contemporâneos

Resumo

Para mais uma aula de eixo temático, trabalharemos, aqui, pensadores contemporâneos e suas mais famosas teorias, a fim de passearmos por conceitos mais recentes, ligados a algumas temáticas atuais que envolvem nossa vivência de cultura e sociedade. O objetivo é dar a você a possibilidade de falar sobre qualquer tema com sustentações mais recentes e, é claro, famosas, a fim de convencer - e impressionar - o leitor. Vamos juntos?

Contextualização: alguns pensadores contemporâneos: obras e teorias

- **Noam Chomsky:** Criador de muitas teorias da linguística, seus estudos fundamentam-se na ideia de que todos os seres humanos nascem com um conjunto de conhecimentos do "idioma universal", constituindo a estes a estrutura profunda da língua.
- **Zygmunt Bauman:** O sociólogo polonês é famoso por suas perspectivas de sociedade contemporânea pós-era moderna, tendo uma visão efêmera das relações humanas. Possui obras como: Modernidade líquida, tempos líquidos e modernidade e holocausto.
- **Michel Foucault:** Filósofo francês muito famoso por sua dedicação à visão reflexiva entre o poder e o conhecimento. Envolveu-se com políticas antirracistas e pela reforma do sistema prisional.
- **Leandro Karnal:** O professor de história da América da Unicamp é um dos pensadores brasileiros mais famosos por abordar questões do cenário atual como política, sistema carcerário e questões humanas.
- **Roberto daMatta:** O antropólogo brasileiro, colunista de jornal e produtor de tv, tem relevância na atualidade por sua visão crítica sobre a situação do Brasil e suas questões históricas que refletem nas ações políticas da contemporaneidade.
- **Darcy Ribeiro:** graduado em ciências sociais, Darcy Ribeiro foi importante para a representação cultural do Brasil como um todo, escreveu diversas obras de etnografia e defendia a causa dos indígenas. Sua principal obra é "O Povo brasileiro", que retrata a nação da identidade do homem do Brasil e suas interferências culturais.
- **Marilena Chauí:** A filósofa e professora da Universidade de São Paulo, Marilena Chauí, aborda a questão da liberdade, necessidade e paixão, sobretudo no contexto brasileiro.

Exercícios

Parte I: A construção do indivíduo e como ele é

1. Segundo o filósofo Noam Chomsky, *devemos aplicar a nós mesmos os padrões que aplicamos aos outros, por meio de um princípio da universalidade*. Comente esse conceito, relacionando-o às manifestações contra a corrupção, recentes no Brasil e no mundo.
2. "Agora, o futuro é que está marcado no lado do débito, denunciado inicialmente por sua não-confiabilidade e por ser incontrolável, **com mais vícios que virtudes**; enquanto a volta ao passado, com mais virtudes que vícios, é marcada na coluna do crédito – como um lugar ainda de livre escolha e do investimento ainda não-desacreditado de esperança."

O trecho faz parte da introdução do livro póstumo de Zygmunt Bauman, "Retrotopia", ainda não lançado no Brasil, revelada em parte em entrevista à publicação online britânica Spiked - e traduzido para o português por Inês Castilho, para o blog Outras Palavras. A fala faz referência ao conceito de "retrotopia", que dá nome à obra, e que consiste em uma idealização infantil do passado. Desenvolva melhor essa definição e apresente exemplos do cenário de crise atual - que caracteriza, de certa maneira, a sociedade líquida desenhada pelo filósofo - que fundamentem essa descrença no futuro.

Parte II: O que faz o Brasil, Brasil?

3. No início de seu livro "*O que faz o Brasil, Brasil?*", o antropólogo Roberto DaMatta explica o porquê de, em toda uma obra, sustentar a distinção entre dois "brasis": um com o "b" maiúsculo e outro com o "b" minúsculo. Para você, quais problemas fazem o Brasil ser minúsculo e soluções que possam, de fato, torná-lo Brasil, maiúsculo, relacionando a questão, inclusive, ao "jeitinho brasileiro"?
4. Ainda no contexto de uma cultura problemática, defina o "*complexo de vira-latas*", conceito criado pelo dramaturgo e escritor brasileiro Nelson Rodrigues, em crônica homônima para o livro "*À sombra das chuteiras imortais*", de 1993.
5. Muito otimista com relação à construção da identidade brasileira, o antropólogo Darcy Ribeiro afirmou, em seus estudos, que, no Brasil, criou-se o que podemos chamar de uma *Civilização Tropical Brasileira*. Explique esse conceito, com base nas teorias do pensador.

6. Levando em consideração as ideias que você aprendeu em aula, seu trabalho, agora, é discutir um tema, com base em algumas das teorias trabalhadas. Em seguida, vá ao gabarito e analise a redação exemplar, confirmando os argumentos levantados durante a discussão. Vamos lá?

A partir da leitura dos textos motivadores e com base nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija texto dissertativo-argumentativo em norma padrão da língua portuguesa sobre o tema **A cordialidade brasileira e suas consequências em questão no século XXI**, apresentando proposta de intervenção, que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista.

TEXTO I

Já se disse, numa expressão feliz, que a contribuição brasileira para a civilização será de cordialidade – daremos ao mundo o “homem cordial”. A lhaneza no trato, a hospitalidade, a generosidade, virtudes tão gabadas por estrangeiros que nos visitam, representam, com efeito, um traço definido do caráter brasileiro, na medida, ao menos, em que permanece ativa e fecunda a influência ancestral dos padrões de convívio humano, informados no meio rural e patriarcal. Seria engano supor que essas virtudes possam significar “boas maneiras”, civilidade. São antes de tudo expressões legítimas de um fundo emotivo extremamente rico e transbordante.

HOLANDA, Sérgio Buarque. “Raízes do Brasil”. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

TEXTO II

Poucos conceitos se prestam a tamanha confusão quanto o de “homem cordial”, central no livro *Raízes do Brasil*, do historiador Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982). Logo após a publicação da obra em 1936, o escritor Cassiano Ricardo implicou com a expressão. Para ele, a ideia de cordialidade, como característica marcante do brasileiro, estaria mal aplicada, pois o termo adquirira, pela dinâmica da linguagem, o sentido de polidez – justamente o contrário do que queria dizer o autor.

A polêmica sobre a semântica teria ficado perdida no passado não fosse o fato de que, até hoje, muitas pessoas, ao citar inadvertidamente a obra, emprestam à noção de Buarque de Holanda uma conotação positiva que, desde a origem, lhe é estranha. Em resposta a Cassiano, o autor explicou ter usado a palavra em seu verdadeiro sentido, inclusive etimológico, que remete a coração. Opunha, assim, emoção a razão.

Apesar do zelo do autor, no entanto, o equívoco persistiu. Afinal, o que haveria de errado na cordialidade brasileira, nesse sentido de afetuosidade típica de um povo? Não haveria nada condenável se a afabilidade se desse em ambiente privado, em relações entre familiares e amigos. A expressão “homem cordial”, a propósito, fora cunhada anos antes, por Rui Ribeiro Couto, que julgou ser esse tributo uma contribuição latina à humanidade.

O problema surge quando a cordialidade se manifesta na esfera pública. Isso porque o tipo cordial – uma herança portuguesa reforçada por traços das culturas negra e indígena – é individualista, avesso à hierarquia, arredio à disciplina, desobediente a regras sociais e afeito ao paternalismo e ao compadrio, ou seja, não se trata de um perfil adequado para a vida civilizada numa sociedade democrática.

Disponível em: <http://www2.uol.com.br/historiaviva/reportagens/o_jeitinho_do_homem_cordial.html>

TEXTO III

Um dos estereótipos mais arraigados em relação à cultura brasileira é a de que somos um povo alegre, hospitaleiro e festeiro. Ora, de cada 100 assassinatos ocorridos no mundo, 13 verificam-se no Brasil. O pensamento machista domina a sociedade de alto a baixo —uma em cada três pessoas (homens e mulheres) acredita que o estupro ocorre por causa do comportamento feminino. A violência no trânsito é responsável pela terceira maior causa de óbitos no Brasil, logo após as doenças cardíacas e o câncer.

Talvez tenhamos que repensar o caráter do brasileiro. Afirmar que os brasileiros somos naturalmente alegres é desconhecer a insatisfação latente que vigora nos trens, ônibus e vagões de metrô lotados. Falar que os brasileiros somos tolerantes é desconhecer nosso machismo, nossa homofobia, nosso racismo. Dizer que os brasileiros somos solidários é desconhecer nossa imensa covardia para assumir causas coletivas. A frustração, como já alertou uma canção do Racionais MC, é uma máquina de fazer vilão. No fundo, estamos empurrando a sociedade para o beco sem saída do autismo social.

Disponível em: <http://brasil.elpais.com/brasil/2015/06/03/opinion/1433333585_575670.html>

Gabarito

1. Chomsky com seu princípio de universidade, baseia-se em aplicar a nos mesmos aquilo que sugerimos, em outras palavras, é a noção de ação e reação que devemos construir com a ação que nós mesmos produzimos. Dessa forma, as manifestações contra corrupção só podem ser efetivas se há, de fato, uma conscientização pessoal sobre atos corruptos do dia-a-dia.
2. Retropia tem, por entendimento, um neologismo que se baseia na visão utópica de um passado em relação ao presente. Quanto aos movimentos do cenário brasileiro e à crise atual, a retropia se instala a partir do momento em que há uma comoção nacional para a volta de costumes e situações que não se lembram por completo, como exemplo a ditadura militar. Esse pensamento ocorre em tempos de instabilidade social, por conta de uma visão desesperadora de melhoria.
3. A corrupção cotidiana e a má escolha de representantes políticos que não desenvolvem projetos sociais em prol do crescimento do Brasil fazem com que o país continue minúsculo em suas atitudes nacionais e internacionais. As renovações de uma sociedade com mais conhecimento, através de boa educação de base, para a escolha de representantes dedicados à melhoria do território nacional, farão a transformação da sociedade como um todo.
4. Segundo Nelson Rodrigues, "Por "complexo de vira-lata" entendo eu a inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo. O brasileiro é um narciso às avessas, que cospe na própria imagem. Eis a verdade: não encontramos pretextos pessoais ou históricos para a autoestima."
5. A chamada "civilização tropical brasileira", legado da colonização lusitana, trata-se de uma nação repleta por intensa miscigenação de etnias, entretanto sem uma relativa "democracia racial". Em outras palavras, desde a colonização, a etnia dominante, ou seja, a lusitana/estrangeira, era a dominadora perante às outras que surgiram e já existentes.
6. Em sua obra "A casa e a rua", Roberto DaMatta revisita a ideia do homem cordial ao mostrar que, na teoria, o ambiente privado é o lugar do uso da emoção acima da razão, enquanto, no meio público, a moral, as leis coletivas regem o indivíduo. Parece, porém, que, nos dias de hoje, a prática tem sido diferente: na sociedade do "jeitinho" brasileiro, o que tem espaço são as pequenas corrupções, a malandragem, reduzindo os limites entre o espaço coletivo e o privativo e formando um sujeito que só age com o coração.

Antes de tudo, é importante analisar, ao longo da história, a construção do brasileiro que deixa de lado a razão em qualquer situação. Analisando a obra de Gilberto Freyre, por exemplo, desde os tempos de escravidão a relação dos senhores com as escravas que trabalhavam na casa-grande parecia justificar todo o processo de escravização. Todo e qualquer auxílio dentro do ambiente familiar aproximava as negras e, consequentemente, mantinha fortes os laços, apesar da condição segregacionista.

Nos dias de hoje, a cordialidade continua presente. Isso porque, em um contexto de frequentes casos de corrupção em partes importantes do governo, os pequenos "jeitinhos", que parecem ter sido esquecidos, são parte da cultura brasileira e têm muita relação com a emoção. Tentativas de suborno e contratações ilegais de familiares em cargos públicos são exemplos comuns de ações em diversas áreas do país, o que confirma a existência de uma sociedade que, em detrimento da razão, coloca as relações pessoais em primeiro lugar e burla regras nas decisões diárias.

Torna-se evidente, portanto, a predominância do indivíduo cordial, que prioriza o coração e deixa de lado as regras morais do coletivo. Buscando resolver isso, é importante que o poder público, em um trabalho de fiscalização, identifique os casos de pequenas corrupções, classifique-os como crime e julgue cada um. No mesmo contexto, a mídia pode denunciar e debater essas ações em ficções engajadas e divulgar

as medidas por parte do governo. A escola, formadora de opinião, pode trabalhar esse comportamento na raiz, mostrando a necessidade de, no ambiente coletivo – ou na rua de Roberto DaMatta –, a moral imperar nas atitudes do indivíduo, de forma que, em pouco tempo, a separação entre o público e o privado saia da teoria e, pelo menos no Brasil, se torne prática no meio social.